

RESENHA

O JORNAL E A SALA DE AULA, POR DENTRO E POR FORA

Cristiane Maria Megid¹

Recebido em: 15 set. 2015

Aceito em: 20 out. 2015

LOZZA, Carmen. **Escritos sobre jornal e educação**: olhares de longe e de perto. São Paulo: Global, 2009 (Coleção Leitura e Formação). 127 p.

Perto do jornal e da educação, longe dos idealismos, a não ser enquanto norteadores. É nesse lugar que podemos encontrar os escritos de Carmen Lozza. Um livro novinho em folha que registra suas observações e reflexões colecionadas em anos de trabalhos na consonância entre dois mundos que muitas vezes teimam em não serem miscíveis, partes de um mesmo universo, o da formação cidadã.

Emir Sader apresenta a obra com perguntas instigantes a quem a tem nas mãos pela perspectiva pedagógica: “Quem lê, o que é? Leitor? Cliente? Vítima? Consumidor?” (p. 11).

Estão nelas perspectivas abordadas por Lozza. Começando pelo “O que vem antes: ponto a ponto” (cap. 1), a autora apresenta itens que vão entrelaçando os caminhos do jornal e da escola através de considerações sobre o contexto escolar, o exercício do magistério, ideais de educação, algumas prescrições educacionais. O que vem antes: o conhecimento do jornal pelo educador. “Para o educador crítico, conhecer um dado objeto significa utilizar-se das relações que tem acerca dele” (p. 23), mas não apenas com informações: “conhecê-los deve exigir a percepção de sua aparência e a sua superação, para conhecer o que essa aparência esconde” (idem). Uma superação que abarca a razão, capacidade de reflexão, interferindo a história do sujeito na análise que faz do objeto.

1 Doutora em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas (SP). *E-mail*: cristianemegid@yahoo.com.br.

Mas conhecer a mídia não é tarefa simples. A escola, inúmeras vezes, coloca-se no lugar de quem deve desvendar mistérios ideológicos escondidos e tramados pela mídia impressa. O papel de não se render ao clientelismo de uma mídia vista como perversa.

Em outras vezes, o papel escolar resume-se a corroborar a ideia de que, uma vez assumida a posição de formador de cidadãos, e tendo o jornal como meio também participante dessa formação..., escola e jornal devem ser aliados inseparáveis para que o aluno seja formado enquanto cidadão crítico. Como se essa formação fosse lógica, direta.

Nem esta nem aquela. Carmen Lozza vai traçando um caminho em que a mídia não se encontra nem como vilã nem como mocinha: “nem mau nem bom: o jornal é uma interpretação da realidade a ser interpretada pelo leitor” (p. 37).

Nesse sentido, “O jornal e sua presença na escola” (cap. 2) não podem resumir-se a considerações por recortes centradas em objetivos conteudísticos das diversas disciplinas. É preciso tempo, mas... será que professores e disciplinas têm tempo a dispor de seus extensos currículos para promover aos alunos leituras aleatórias de jornais, para escolher de qual autor se gosta mais?

E “a quem cabe debater com os alunos o papel da imprensa, hoje [...], (uma vez que) somos o que somos por influência dos meios de comunicação” (p. 39)? Além de tempo, esse debate carece de um profissional comprometido, consciente, inserido no contexto em que vivemos, em que o jornal é produto mercadológico e, como tal, deve servir a pluralismos. E não deve ser lido um único título como detentor da verdade. Se “o que existem são versões” (p. 25, citando o jornalista *Ciro Marcondes Filho*), o que há também são jornais, cada um com sua versão. E, para a escola, por que não jornais e diversas versões a serem lidas, debatidas, comentadas, criticadas?

Lozza nos leva a pensar, então, que é preciso uma “Leitura crítica: uma construção” (cap. 3). Vem nesse capítulo uma série de sinalizações sobre o que fazer com o jornal na sala de aula, buscando compreender as relações do texto jornalístico, abarcar as leituras possíveis em diversas relações a serem estabelecidas.

Aí, a reflexão é também nossa, leitores desses escritos, através de exposição pela autora de textos e propostas de trabalho. Afinal, o

que vem antes é, entre tantos pontos, a relação da história do sujeito na construção de sua leitura crítica. “Concordamos, ou não”, pergunta-nos Lozza, na página 47. É possível responder diante do texto jornalístico, detentor da verdade?

No capítulo 4, volta-se à questão que poderia ser inicial: os benefícios da leitura de jornal em sala de aula. Óbvios para alguns, rejeitados por outros. Sobre eles, Lozza destaca: a formação do leitor que compreende o jornal de maneira ampla, longe dos mitos de supervalorização ou “rejeição ideológica”; o aprendizado de uma língua em uma modalidade que busca a objetividade, ainda que não se ausente da subjetividade; o acesso às questões que se colocam na “agenda social”, a serem conhecidas e refletidas pelo cidadão em formação e que muitas vezes não estão nos livros didáticos; a possibilidade de interação em sala a partir de questões que instiguem os alunos a se colocarem, respeitando pensamentos divergentes e desenvolvendo a tolerância; o estímulo à cidadania através de seus conteúdos e de programas educacionais desenvolvidos por agências de notícias; possibilidade de trabalhos entre disciplinas e abertura a novas leituras; leituras sobre cultura e arte; e... “Por que não o direito ao riso?” (p. 76).

Mas, entre tantos benefícios, “E as dificuldades, os limites?” (cap. 5). Aqui Lozza trata de questões inquietantes aos educadores que não veem na linguagem midiática a transparência do papel de transmissora da verdade. Há no relato jornalístico uma posição político-ideológica que cuida de interesses de uma classe hegemônica da sociedade, direcionando os relatos de seus textos. Há também uma estrutura fragmentada diante de uma quantidade grande de assuntos a serem noticiados que nem sempre se entrelaçam. Daí decorre uma visão imediatista da linguagem, simplismo no tratamento de assuntos que precisariam de melhor compreensão, e tantas outras questões que limitam o acesso a uma compreensão mais aprofundada e crítica do mundo pelo leitor. Isso tudo agravado pelo fato de que poucos fazem a leitura frequente de mais de um título jornalístico. Diante de tantos limites, vale a pena trazer esse veículo para a escola?

Certamente, sim. E, para lidar com as limitações em prol dos benefícios, Lozza termina seus escritos apresentando, como cabe a um professor que se preze, “Algumas atividades” (cap. 6). Elas partem da

experiência da autora com professores e alunos em suas interações com o meio jornalístico. Há diversas propostas, partindo sempre de questões a serem debatidas a respeito das características jornalísticas.

E, se com perguntas delineiam-se as atividades propostas pela autora, também com perguntas delineou-se esta resenha. Perguntas que, sugerimos, sejam uma espécie de roteiro ou estímulo para a leitura de um livro que não se restringe a impressões educacionais e jornalísticas. Ao contrário, garante que o leitor desses escritos, qualquer que seja sua natureza, atente para o papel irremediável do jornalismo na formação cidadã, mas não o pense de maneira ingênua ou reducionista.